



Sexo e acidente natural: a domesticação do selvagem segundo Rousseau

Paulo Ferreira Junior¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir dois temas presentes na exposição de Jean-Jacques Rousseau sobre a passagem do estado de natureza para o estado social, a saber: a necessidade sexual (*amor-físico*) e o acidente natural. A passagem do estado natural para o estado social é um problema que permeia quase todo o pensamento de Rousseau. A necessidade sexual atua alternadamente no processo de desnaturação e, de certa maneira, prepara as condições para que os homens, diante do acidente natural, possam se sociabilizar. Em suma, o amor é um importante tema da filosofia de Rousseau, a partir dele podemos ter uma compreensão mais equilibrada do pensamento moral do cidadão de Genebra.

Palavras-chave: Sexo. Moral. Sociabilidade. Rousseau.

Résumé: L'objectif de cet article est discuter deux thèmes présents dans l'exposition de Jean-Jacques Rousseau sur le changement de l'état de la nature à l'état social, à savoir: le besoin sexuel (*l'amour-physique*) et le accident naturelle. Le changement de l'état de la nature à l'état social est un problème que parcourt presque toute la pensée de Rousseau. Le besoin sexuel agit en alternance dans le processus de dénaturation et, en quelque sorte, il prépare les conditions pour les hommes, avant la accident naturelle, peuvent devenir sociables. En somme, l'amour est un thème important de la philosophie de Rousseau, à partir duquel nous pouvons avoir une compréhension plus équilibrée de la pensée morale du citoyen de Genève.

Mots clés: Sexe. Moral. Sociabilité. Rousseau.

A alteridade sexual

Antes de abordarmos nosso tema e expormos sucintamente o processo pelo qual o selvagem, que era solitário e independente, modifica seu modo de ser e passa à vida social e dependente é necessário: (i) frisar que o processo de desnaturação do homem é amplo e complexo, e nós, sobre esse processo, fizemos um recorte conveniente a nossa pesquisa, mas advertimos que, evidentemente, existem outros elementos os quais não destacaremos aqui; (ii) explanarmos, como faz Rousseau, um pouco sobre o homem natural.

No segundo *Discurso* temos a descrição física e metafísica do homem natural. Para nosso estudo, a descrição metafísica é mais interessante. A primeira característica metafísica é a liberdade, a segunda é a perfectibilidade (*perfectibilité*). Ou melhor, dito de outro modo, o homem, do ponto de vista metafísico, é livre e perfectível. Segundo

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Orientador: José Oscar de Almeida Marques. Bolsista FAPESP. Email: ferreirapaulojr@yahoo.com.br.



Rousseau, a consciência da liberdade mostra a espiritualidade² do homem e que o espírito humano muito deve às paixões. Acrescenta ainda o cidadão de Genebra que nossas paixões e nossos conhecimentos se desenvolvem e progridem sistematicamente, e a liberdade e a perfectibilidade só se manifestaram no momento em que o instinto natural não dava conta da sobrevivência:

Deveu-se a uma providência bastante sábia o fato de as faculdades, que ele apenas possuía potencialmente, só poderem desenvolver-se nas ocasiões de se exercerem, a fim de que não se tornassem supérfluas e onerosas antes do tempo, nem tardias e inúteis ao aparecer a necessidade. O homem encontrava unicamente no instinto todo o necessário para viver no estado de natureza; numa razão cultivada só encontra aquilo de que necessita para viver em sociedade. (ROUSSEAU, Segundo Discurso, 1978, p. 251).

Portanto, para que o homem exercesse sua liberdade e escolhesse viver em sociedade era preciso antes que o instinto natural não pudesse mais dar conta da sobrevivência.

É nesse ponto que tentaremos abordar o tema da necessidade sexual e do acidente natural para explicar o processo pelo qual o selvagem domesticou-se ao ponto de trocar a condição de solidão e independência pela vida social e dependente.

Para Starobinski, a originalidade de Rousseau consiste em afirmar a interdependência das paixões e do entendimento a partir da noção primeira de necessidade (*besoin*). O comentador de Rousseau acredita que nisso se formula, em resumo, toda uma filosofia da evolução humana, na qual necessidades (*besoins*), transformações sociais e progresso intelectual se juntam estreitamente³.

Uma ressalva importante a fazer em nossa problematização é que a necessidade sexual, a princípio, não engendra a família. O sexo é apenas uma necessidade natural e constante de perpetuar a espécie e, uma vez satisfeita a necessidade, um sexo nada mais é para o outro. Nesse sentido, poder-se-ia falar que a sexualidade exerce um papel de “importância secundária”.

Starobinski acrescenta: o amor ao bem-estar pode ser uma origem possível para a sociedade e a existência relativa. O amor de si, escreve ele, não desaparece com a vida social na medida em que as paixões sociais são modificações do amor de si: o homem

² Confirma « Le dualisme spontané de Rousseau » in GOUHIER, H. *Les méditations métaphysiques de Jean-Jacques Rousseau*. Vrin : Paris, 2005. Confirma também MONTEAGUDO, R. “Rousseau existencialista” in *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 27(10): 51-59, 2004.

³ Cf. « Notes et variantes » in *O. C.*, v. 3, p. 1319.



social procede do homem natural, mas por oposição a ele. No mais das vezes, essas modificações são nocivas a nós mesmos, donde a contradição que há em nós. As causas estranhas (que provocam tais modificações) podem ser as dificuldades do próprio meio físico. O instinto natural afronta os obstáculos naturais e, a partir dessa oposição, vai surgir a negatividade do espírito consciente de sua diferença e de desejo de dominação do mundo⁴.

Sem dúvida a leitura de Starobinski é muito acertada, pois foi de uma espécie de “prudência maquinal” que o homem deixa de se conservar apenas pelo instinto e passa lentamente, no exercício de sua liberdade e perfectibilidade, a “evoluir” e desembocar na sociedade.

Entretanto, aproveitamos essa interpretação por um viés mais interessante ao nosso recorte, a saber: para explicitar o importante papel do sexo como parte do bem-estar:

A essa época se prende uma primeira revolução que determinou o estabelecimento e a distinção das famílias e que introduziu uma espécie de *propriedade* da qual nasceram talvez brigas e combates... Os primeiros progressos do coração humano resultaram de uma situação nova que reunia numa habitação comum os maridos e as mulheres, os pais e os filhos. O *hábito* de viver juntos fez com que nascessem os mais doces sentimentos que são conhecidos do homem, como o amor conjugal e o amor paterno. Cada família tornou-se uma pequena sociedade, ainda mais unida por serem a afeição recíproca e a liberdade os únicos liames [...]. Os dois sexos começaram, assim, *por uma via um pouco mais suave, a perder alguma coisa de sua ferocidade e de seu vigor. Mas, se cada um em separado tornou-se menos capaz de combater as bestas selvagens, em compensação foi mais fácil reunirem-se para resistirem em comum.* (ROUSSEAU, Segundo Discurso, 1978, p. 262⁵, itálico nosso).

O progresso moral e intelectual originado na negatividade do eu frente aos obstáculos do meio é um trabalho árduo e penoso para o espírito limitado do selvagem. Todavia, esse primeiro passo coloca no horizonte do selvagem algo que antecede a aprendizagem, *o hábito*. Ora, as primeiras famílias são antes obra do hábito do que da necessidade sexual. Por outro lado, o progresso moral e intelectual originado na frequentação mútua dos sexos é um progresso associado ao prazer e ao bem-estar e, nesse sentido, um progresso muito mais eficaz.

⁴ Cf. « Notes et variantes » in *O. C.*, v. 3, p. 1341.

⁵ *O. C.*, v. 3, p. 167-168.



Acreditamos que o trecho supracitado comprova que a necessidade sexual, e os sentimentos oriundos dela, retomam um papel mais emblemático para se entender o processo de sociabilidade. Mais especificamente, o *amor físico* faz parte do bem-estar natural e, posteriormente, funciona como uma espécie de “catalisador das potencialidades sociabilizadoras”.

O conforto familiar, consequência dessa primeira convivência, foi o primeiro jugo do homem; tal conforto dispensa a atividade física e o homem natural já não é mais tão robusto. Nos termos de Rousseau, essas comodidades enfraquecem o corpo e se transformam em verdadeiras necessidades. O homem diminui suas forças e aumenta suas necessidades (*besoins*), portanto, se torna fraco. Reiteramos que, nesse ponto, a leitura de Starobinski é também muito acertada, pois o progresso intelectual e moral estão sistematicamente relacionados. Mas se faz necessário explicitar de modo mais acurado o papel da necessidade sexual nesse contexto. O próprio Rousseau o fará:

Tudo começa a mudar de aspecto. Até então errando nos bosques, os homens, ao adquirirem situação mais fixa, aproximam-se lentamente [...]. Uma vizinhança permanente não pode deixar de, afinal, engendrar algumas ligações entre as famílias. Jovens de sexo diferente habitam cabanas vizinhas; o comércio passageiro, exigido pela natureza, logo induz a outro, não menos agradável e mais permanente, pela freqüentação mútua. *Acostuma-se a considerar os objetos e a fazer comparações; insensivelmente, adquirem idéias de mérito e beleza, que produzem sentimentos de preferência* (ROUSSEAU, Segundo Discurso, 1978, p. 263, *itálico nosso*).

Conforme já afirmamos, dos primeiros agrupamentos em famílias surge um progresso moral e intelectual. Quanto maior o progresso intelectual, mais fraco fisicamente se torna o homem, donde a necessidade da sociabilidade e, por extensão, do desenvolvimento moral para compensar esse desequilíbrio. Por fim, a freqüentação mútua e o comércio sexual intensificam o desenvolvimento de ideias de mérito e beleza.

Eis como, com certa inspiração platônica, Rousseau, na seguinte passagem, relaciona sexualidade, moral e estética⁶:

⁶ Cf. a passagem em que Emílio recebe uma sofisticada educação estética para a entrada nas grandes sociedades: “É principalmente no comércio entre os dois sexos que o gosto, bom ou mau, se forma; sua cultura é um efeito necessário do objetivo dessa sociedade. Mas, quando a facilidade de gozar enfraquece o desejo de agradar, o gosto deve degenerar, e esta, a meu ver, é outra razão das mais visíveis por que o bom gosto se relaciona com os bons costumes.” (ROUSSEAU, Emílio, 1995, p. 470).



À medida que as *idéias* e os *sentimentos* se sucedem, que o *espírito* e o *coração* entram em atividade, o gênero humano continua a *domesticar-se*, as ligações se estendem e os laços se apertam. Os homens *habituarão-se* a reunir-se diante das cabanas ou em torno de uma árvore grande; o canto e a dança, verdadeiros filhos do amor e do lazer, tornaram-se a distração, ou melhor, a ocupação dos homens e das mulheres ociosos e agrupados. Cada um começou a olhar os outros e a desejar ser ele próprio olhado, passando assim a estima pública a ter um preço. Aquele que cantava ou dançava melhor, o mais belo, o mais forte, o mais astuto ou o mais eloqüente, passou a ser mais considerado, e foi esse o primeiro passo tanto para desigualdade quanto para o vício; dessas primeiras preferências nasceram, de um lado, a vaidade e o desprezo, e, de outro a vergonha e a inveja (ROUSSEAU, Segundo Discurso, p. 263, *italico* nosso).

Esse famoso trecho sintetiza o papel do amor (nas suas mais variadas manifestações) como um conceito fundamental, no qual Rousseau articula praticamente toda a hipotética história da desigualdade. Notemos: as idéias (*idées*) e sentimentos (*sentiments*) se sucedem, o espírito (*esprit*) e o coração (*coeur*) entram em atividade. Assim, o gênero humano continua a se domesticar (*apprivoiser*⁷). Na convivência, cada um começou a olhar os outros e a desejar ser olhado; desse modo, a estima pública passou a ter um preço. Esse foi o primeiro passo tanto para a *desigualdade* quanto para o *vício*. Acreditamos que os trechos citados são cruciais e explicitam que o sexo (*amor-físico*) força aos homens encontros. Com a alteridade e a alienação (*amor-próprio*) progridem as faculdades intelectuais e os sentimentos morais, ou seja, o homem, tornando-se mais inteligente, porém, mais fraco, sente a necessidade (*besoin*) do outro.

Dado esse primeiro passo para a *desigualdade* e para o *vício*, as consequências todos sabemos: a propriedade, a desigualdade entre ricos e pobres, a formação das sociedades e das leis, e, por fim, o despotismo. Como sublinha Starobinski, Rousseau estabelece um paralelo entre os vícios morais (o dualismo aparência e essência) e as condições de opressão e de desigualdade social⁸. De fato, o mal da civilidade é a dependência interesseira e utilitarista, donde se faz imperativo um vínculo verdadeiramente moral.

O acidente natural

⁷ *Apprivoiser* vem do latim vulgar *apprivitiare* que tem o radical *privus* que significa particular, próprio, especial. Mais especificamente, *apprivoiser* significa tornar privado em oposição a livre e selvagem (Cf. DAUZAT, 1938, p. 43).

⁸ Cf. « Notes et variantes » in *O. C.*, v. 3, p. 1349.



Falta-nos ainda explicar outro tema: o acidente natural. É importante destacá-lo por dois motivos:

- (i) Poder-se-ia objetar ao recorte que fizemos alegando que as adversidades do meio foram os estímulos fundamentais que culminaram na vida social e depende;
- (ii) Igualmente, poder-se-ia objetar que o despertar do *amor-próprio* (alienação e alteridade) seria um fenômeno privilegiado no qual se explica o processo de sociabilidade.

Para trabalhar essas questões passemos a outro texto de Rousseau: *O ensaio sobre a origem das línguas*; mais especificamente, ao capítulo IX sobre a Formação das línguas meridionais.

Nesse texto, Rousseau de saída já expõe a formação das famílias primitivas, mas faz uma ressalva: “Tinham a idéia de um pai, de um filho, de um irmão, porém não a de um homem.” (ROUSSEAU, Ensaio, 1978, p. 175). Ou seja, existia uma conformação em famílias, mas nem por isso deduz-se daí a constituição de uma língua, tão pouco de uma sociedade. Os homens tinham uma verdadeira aversão pelo *étranger*: “tanto amor pela própria família e tanta aversão pela sua espécie” (*ibid.*).

Segundo Rousseau, os homens viviam de tal modo que cada um se julgava senhor de tudo, muito embora só desejasse o que estava ao seu alcance. Os homens até poderiam se atacar quando se encontravam, *mas se encontravam muito raramente*. Ou seja, as necessidades naturais mais afastavam os homens do que os reunia: “Esparsos no vasto deserto do mundo, os homens tornaram a cair na estupidez bárbara em que se encontrariam se tivessem nascido da terra.” (*ibid.*, p. 177).

Portanto, mesmo que o amor-próprio, a liberdade e a perfectibilidade contribuam significativamente para a marcha da evolução, o selvagem tende a se manter no estado de estupidez; era necessário encontrar uma via menos laboriosa para que os instintos naturais perdessem sua eficácia; era necessário um encontro mais assíduo para por em marcha, por uma via mais suave e sem volta, a alienação e a alteridade. Assim, acreditamos bem resolvida a possível objeção (ii) ao nosso recorte.

Quanto à objeção (i), ela é mais difícil de resolver, se for o caso de resolvê-la. O acidente natural (dilúvios, erupções vulcânicas, terremotos etc.) é um fenômeno que aparece em alguns textos de Rousseau para explicar que num dado momento, o homem



tinha mudado de tal modo a própria constituição que, vivendo disperso e de maneira desorganizada, não poderia subsistir.

Acreditamos que o acidente natural é um elemento necessário e importante para compreender a passagem do estado natural para o estado civil; porém, ele não é suficiente. Ora, se o homem não reunisse antes as condições necessárias à sociabilidade, a espécie humana se extinguiria.

Como bem assimila Lourival Gomes Machado, o sentido dos fatores ambientais na “evolução” (as aspas são minhas) não é de um destino cego; eles são antes estímulos à ação humana⁹. Ou seja, quando se considera o acidente natural no processo de sociabilidade, a liberdade humana é pressuposta. Essa característica metafísica do homem, já o sabemos, é exercida quando o instinto natural não dá mais conta da sobrevivência; fundamentalmente, quando sua eficácia é atenuada pela suave via da necessidade sexual e do nascimento do amor: “Tal foi, enfim, o verdadeiro berço dos povos – do puro cristal das fontes saíram as primeiras chamas do amor” (ROUSSEAU, Ensaio, 1978, p. 183).

Concluindo: talvez não seja o caso de se colocar a objeção que as adversidades do meio foram os estímulos fundamentais que culminaram na vida social ao nosso recorte, mas antes, por meio de nosso recorte, entender melhor o sentido dos fatores ambientais no processo de sociabilidade. Em suma, espera-se que este trabalho tenha minimamente discutido a relevância de dois temas presentes na exposição de Jean-Jacques Rousseau sobre a passagem do estado de natureza para o estado social. A necessidade sexual atua alternadamente no processo de desnaturação e, de certa maneira, prepara as condições para que os homens, diante do acidente natural, possam se sociabilizar. O amor é um importante tema da filosofia de Rousseau, a partir dele podemos ter uma compreensão mais equilibrada do pensamento do cidadão de Genebra.

Referências

- DAUZAT, A. *Dictionnaire etimologique de la langue francaise*. Paris, Librairie Larousse: 1938.
- GOUHIER, H. *Les Méditations Métaphysiques De Jean-Jacques Rousseau*. Vrin: Paris, 2005.

⁹ Cf. a nota 50 in Rousseau, Ensaio, 1978, p. 180.



MONTEAGUDO, R. Rousseau existencialista. In : *Trans/Form/Ação*. São Paulo, v. 27, n. 1, p. 51-59, 2004.

ROUSSEAU, J. J. Do contrato social; Ensaio sobre a origem das línguas; *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes*. Tradução de Lourdes Santos Machado; introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção os Pensadores).

_____. *Emílio ou da Educação*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1964-1995 (Coleção Bibliothèque de La Pléiade).

STAROBINSKI, J. « Notes et variantes » in ROUSSEAU, J-J. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1964-1995 (Coleção Bibliothèque de La Pléiade).